



Diário de Lisboa

21/10/1970

A Part. Social do Excmo. Min. da Saúde, Protecção e Bem-Estar



A mulher e o trabalho

Por Helena Neves

«O TRABALHO DOMÉSTICO DILATA-SE ATÉ PREENCHER TODO O TEMPO DISPONÍVEL»

A mulher trabalhadora entra em casa, no universo doméstico, nas paredes firmes, que segundo tantos (e como é fácil advogar esta causal), a deviam encerrar na sua «pureza natural» e o que a espera? Mais horas de labuta, a cozinha, a roupa, os filhos, o marido cansado e indiferente ao cansaço dela. Quantas horas não contadas, quantas horas não vividas?

Por cálculos feitos em França, chegou-se à conclusão de que a mulher, que acumula as funções de profissional e de doméstica, trabalha em média 100 horas por semana, chegando a jornada de trabalho a atingir 13,30 h. (se tiver 1 filho), 14,15 h. (se tiver 2 filhos) e 15 h. (se tiver 3 filhos). Não existem cálculos semelhantes no nosso País, mas se tomarmos em consideração as difíceis condições de vida, que vão desde o maior equipamento electrodoméstico (1) existente em França, até ao maior número de cantinas servindo refeições a preços acessíveis, e à vasta rede de escolas maternas, poderemos facilmente afirmar que a mulher activa portuguesa trabalha mais do que 100 horas semanais.

As felizardas, as felizardas, não serão, então, essas mulheres domésticas que só cuidam do lar e

dos filhos? Não teriam razão os nazis, com o seu «slogan» «Kinder, Küche, Kirche» (2), ao decretarem que a mulher estava biologicamente afastada da participação da vida económica e cívica? Os factos desmentem categoricamente esta

ideia. Em 1958, Alain Girard procedeu a uma pesquisa sobre a ocupação do tempo da mulher casada, analisando em separado as domésticas dos aglomerados urbanos e dos campos. Vejamos as conclusões obtidas:

I — Cálculo do tempo da mulher casada nos aglomerados urbanos (duração hebdomadária total em horas de trabalho doméstico):

	Sem filhos	c/1 filho	c/2 filhos	c/3 filhos
Cuidados c/ as crianças	—	41,0	48,9	50,3
Trabalho doméstico	34,7	11,5	15,7	20,0
Total	34,7	52,5	64,6	70,3

	Sem filhos	c/1 filho	c/2 filhos	c/3 filhos
Trabalho desempenhado pelas redes auxiliares (lavandarias, creches, etc.)	7,8	13,3	13,1	12,9
Total geral	42,5	65,8	77,7	83,2

II — Cálculo — tempo da mulher casada no campo (duração hebdomadária total em horas de trabalho doméstico):

	Sem filhos	c/1 filho	c/2 filhos	c/3 filhos
Trabalho doméstico	44,7	46,0	47,2	51,8
Cuidados c/ as crianças	—	12,0	13,0	18,8
Total	44,7	58,0	60,2	70,6

	Sem filhos	c/1 filho	c/2 filhos	c/3 filhos
Trabalho desempenhado pelas redes auxiliares	3,4	6,1	8,9	9,2
Total geral	48,1	64,1	69,1	79,8

Na continuação desta pesquisa, efectuaram-se cálculos oficiais segundo os quais o conjunto da actividade doméstica (portanto não remunerada) é superior em dois bilhões de horas ao tempo ocupado pela população activa feminina e masculina, preenchendo, (segundo cálculos feitos por M. Hiltovist e por Marie Baers), um número de horas igual ao tempo global das actividades salariais do comércio, indústria e profissões liberais.

Submersa pelo tempo, encerrada em quatro paredes, a mulher doméstica não encontra no seu labor as compensações, o sentido de realização que se abre à mulher que trabalha fora de casa. Sem dúvida que os problemas da profissional são agudizados porque também ela não escapa à esmagadora do trabalho doméstico. No entanto, as características do trabalho do lar possuem-se para a mulher unicamente doméstica, de consequências extremamente graves. Os estudos da família incluem



Fundação Cuidar o Futuro

da atmosfera acanhada em que se movimenta. As tarefas domésticas essencialmente descontinuas e parciais, (varrer, cozinhar, lavar a roupa, cuidar das crianças), assumem uma multiplicidade cansativa de aspectos, que levam a dona de casa a desabafar «É um trabalho que nunca está feito! O tempo não dá para nada!» — Nem dos rigores de um horário ela escapa: de manhã é a ida das crianças, para a escola, o pequeno almoço, depois a refeição do meio-dia, o jantar que se atrasa, o serdo passado na cozinha, e sobretudo, são as implicações psicológicas e sociais provocadas pelo isolamento em que se processa toda esta corrida contra si própria, esta actividade caseira que a ajusta do marido e dos filhos, que vão para a rua viver num ritmo diferente, que trazem de lá de fora perspectivas que os olhos da esposa e da mãe não vislumbram, cegos no vício acoburnhante de só olhar o chão, a roupa, o fogão. E depois é o rosto tenso, o grito, o silêncio... «a insónia, a irritabilidade, a angústia, o humor depressivo, em relação com um horário asfixiante, com uma vida familiar difícil, com a ausência de perspectivas, com a Primavera que passa sem que haja tempo de a admirar».

Segundo pesquisas efectuadas recentemente em França, a percentagem de mulheres atingidas por esgotamento é mais elevada entre as que permanecem no lar do que entre as mulheres profissionalmente activas e uma das grandes causas apontadas é o tempo, esse tempo que devia ser o tempo de viver e que não é sendo o tempo que se deve, o tempo devido, o tempo-dever.

A CONQUISTA DO TEMPO PARA VIVER

As estatísticas são elucidativas: é nos países pouco desenvolvidos que as tarefas domésticas continuam a ser a principal ocupação feminina. A medida que se eleva o nível da industrialização e da instrução, as mulheres tendem cada vez mais a entrar na actividade produtiva. A solução dos problemas derivados do factor tempo, não está, como vimos, no encerramento da mulher no lar. Pelo contrário, ao fazê-lo, ela reforma-se como ser social, a comunicação cede lugar ao isolamento. A solução do problema tempo não pode ser colocar-se a um nível oficial. E através de um planeamento de equipamentos abrangendo as zonas do campo e as urbanas através de uma vasta rede de serviços de lavandaria, limpeza, tinturaria, cantinas, creches, jardins de infância, centralização, ao nível industrial, de equipas dedicadas exclusivamente à prestação total de serviços domésticos, etc. Para a conquista de tudo isto, é necessário que «o homem e a mulher se reencontrem na consciência comum da sua privação» e dela construam, lado a lado, um novo modo de viver, de amar, de «usar» o tempo livremente.

HELENA NEVES

NOTAS:

(1) Apesar de mais de metade dos lares franceses serem subequipados. Existe

1 frigorífico para 7 pessoas e 1 máquina de lavar para 5 pessoas; em cada 100 lares de jovens com menos de 25 anos, só 22 têm máquinas de lavar e 24 possuem aspirador. Não encontramos dados relativos a Portugal, mas podemos-nos aproximar da realidade consultando Observ. O.C.D.E. (Out. 67) o quadro em que se expressa o consumo de electricidade em kv por habitante: Portugal apresenta a mais baixa percentagem de consumo na Europa: 22 kw/hab. para 86 em França. Note-se, porém, que se os electrodomésticos facilitam a vida da mulher empregada, parece que, nas mãos da mulher unicamente doméstica se tornam um meio de distacção do tempo. Pelos resultados de um inquérito realizado nos Estados Unidos, verificou-se que as mulheres com máquinas de lavar lavavam os lençóis 2 e 3 vezes por semana e confiadas nos batedores e nas máquinas eléctricas, experimentavam muitas mais receitas, do que resultava um maior dispêndio de tempo.

(2) «Slogans com bastante brevidade substituído (logo em 1937 quando a Alemanha vivendo numa economia de guerra começa a sentir penúria de mão-de-obra) pelo apregoar de miraculosas descobertas quanto a surpreendentes qualidades de mão-de-obra feminina, que é obrigada a revelar-se até nas fábricas de armamento como disse Jeannette Vermeersch no anjo do lar transformou-se em carne para o trabalho em prol do Fuhrer».

(3) Citase como subtítulo um capítulo da obra de Betty Friedan «A Mulher e o Trabalho». As demais citações são extraídas da intervenção do Dr. Belvet na obra «La femme et la recherche d'elle-même», intervenção que figura no n.º 23 da colecção Perspectivas (editorial presença) «Situação Actual da Mulher».

